



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 06, pp. 37289-37299, June, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.19143.06.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## OCORRÊNCIA DE SÍTIOS COM REGISTROS RUPESTRES NA BACIA DO RIO ITAPECURU, ESTADO DO MARANHÃO: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E POTENCIAL PARA AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

Arkley Marques Bandeira<sup>1</sup>, Conceição de Maria Belfort de Carvalho<sup>2</sup>, Klautenys Dellene Guedes Cutrim<sup>3</sup>, Antonio Cordeiro Feitosa<sup>4</sup>, Ariana Romão dos Reis<sup>5,\*</sup> and Celso José Brandão Santos<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCULT-UFMA); <sup>2</sup>Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCULT-UFMA); <sup>3</sup>Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCULT-UFMA); <sup>4</sup>Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCULT-UFMA); <sup>5</sup>Mestranda em Cultura e Sociedade (PGCULT-UFMA); <sup>6</sup>Mestrando em Cultura e Sociedade (PGCULT-UFMA)

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 17<sup>th</sup> March, 2020

Received in revised form

06<sup>th</sup> April, 2020

Accepted 23<sup>rd</sup> May, 2020

Published online 30<sup>th</sup> June, 2020

#### Key words:

Arqueologia. Registros rupestres. Bacia do Itapecuru. Estado do Maranhão.

#### \*Corresponding author:

Ariana Romão dos Reis

### ABSTRACT

Este artigo objetiva apresentar o conhecimento existente sobre a arqueologia dos registros rupestres da bacia do Itapecuru - Maranhão, precisamente nos municípios que se situam nas porções do Alto e Médio curso deste rio, com base na sistematização da bibliografia e organização de dados inéditos, com vistas a identificar a distribuição espacial das ocorrências e fornecer uma caracterização da região para pesquisas arqueológicas mais intensivas. A área de abrangência é caracterizada por apresentar vegetação transicional entre a Amazônia e o Cerrado, na transição da extensa planície costeira e fluvial para o relevo planáltico com esparsas ocorrências de cavidades em blocos areníticos ou calcários. Tais abrigos foram utilizados ao longo do período pré-colonial como áreas de habitação, sendo comumente encontrados registros rupestres gravados e pintados. As composições são variadas, representando figuras humanas, animais e grafismos não identificados.

Copyright © 2020, Arkley Marques Bandeira et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Arkley Marques Bandeira, Conceição de Maria Belfort de Carvalho, Klautenys Dellene Guedes Cutrim et al. "Ocorrência de Sítios com Registros Rupestres na Bacia do Rio Itapecuru, Estado do Maranhão: Distribuição Espacial e Potencial para as Pesquisas Arqueológicas", *International Journal of Development Research*, 10, 06, 37289-37299.

### INTRODUCTION

Este artigo surgiu da necessidade de sistematizar o conhecimento existente sobre a arqueologia dos registros rupestres na bacia do rio Itapecuru, uma das mais importantes do Maranhão, e que é responsável pelo abastecimento de quase toda a água consumida na ilha do Maranhão. Além disso, este texto se justifica por dois aspectos: trata-se de uma área de intensa fragilidade ambiental, em virtude da retomada dos investimentos em infraestrutura na região, como a implantação de empreendimentos agropastoris, de exploração mineral e de siderurgia e que, ao mesmo tempo, configura-se como um dos maiores vazios de pesquisas arqueológicas do Maranhão. Neste sentido, ressaltar a importância da bacia do rio Itapecuru para futuras pesquisas arqueológicas e descrever o que já se conhece sobre a arqueologia da região com base no universo empírico já estudado serão temas abordados ao longo deste

texto. Pelo exposto, objetivamos enfocar a potencialidade arqueológica da região tomando como base os sítios com registros rupestres. Em um contexto de quase desconhecimento, as futuras prospecções arqueológicas necessitam criar pontes interdisciplinares para a caracterização do potencial arqueológico, com as áreas de geologia, geomorfologia e espeleologia. A interface entre esses campos do saber pode possibilitar a construção de ferramentas metodológicas para a identificação de áreas com possibilidade de ocorrência de sítios com registros rupestres ou mesmo auxiliando na descrição dos suportes rochosos, cavidades, abrigos, etc. Em relação ao recorte territorial, tomaremos por base a própria bacia do Itapecuru (Figura 1), enquanto *locus* de caracterização arqueológica. A esse respeito, o rio Itapecuru está inserido na Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental, tratando-se de uma bacia de domínio estadual, já

que sua área se encontra exclusivamente dentro dos limites do Maranhão. De acordo com o IBGE (1998), a bacia hidrográfica do rio Itapecuru situa-se na parte centro-oeste do estado do Maranhão, entre as coordenadas de 2°51'33" a 6°52'22" Lat S e 43°02'49 a 45°58'57" Longitude W, abrangendo uma área de 53.216,84 km<sup>2</sup>, sendo a segunda maior do Estado. O rio Itapecuru, curso principal da bacia, nasce no sul do Estado no sistema formado pelas Serras da Croeira, Itapecuru e Alpercatas, em altitude de aproximadamente 530 m, desaguando na baía de São José, depois de percorrer cerca de 1.050 km, a sudeste da Ilha do Maranhão, na forma de dois braços de rios denominados: Tucha e Mojó (NUGEO, 2011). Limita-se ao sul e leste com a bacia hidrográfica do rio Parnaíba, por meio da Serra do Itapecuru, Chapada do Azeitão; a oeste e sudoeste com a bacia do rio Mearim; e a nordeste com a bacia do rio Munim (IBGE, 1998).

As características morfológicas das regiões drenadas pelo Itapecuru (Figura 1) permitem classificar seu curso em alto, médio e baixo curso (Medeiros, 2001; Alcântara, 2004), correspondendo, respectivamente, a área de nascente na Serra do Mirador, a região centro-sul, a região centro-leste e a região centro-norte do Estado. A bacia fluvial do Itapecuru ocupa, no todo ou em parte, áreas de 57 municípios (Figura 2), envolvendo uma população que totaliza 1.019.398 habitantes (NUGEO, 2011), com densidade demográfica de 19,16 hab./km<sup>2</sup>, equivalente à encontrada em extensas regiões do estado (IBGE, 2015). Os principais núcleos urbanos existentes na bacia resultam do processo histórico da ocupação territorial determinado por atividades econômicas primário-exportadoras (IBGE, 1998), como os municípios de Itapecuru e Caxias. O panorama arqueológico da bacia do Itapecuru é fragmentado e cheio de hiatos, com extensas áreas desconhecidas da pesquisa científica e o pouco que se conhece está concentrado em algumas regiões, especialmente no baixo Itapecuru e na área estuarina dos municípios de Rosário e Bacabeira.

Tais lacunas são decorrentes de uma problemática maior da arqueologia maranhense já abordada na tese de Bandeira (2013), quando constatou que cerca de 95% das portarias do IPHAN que autorizaram pesquisas com esta temática estão relacionadas com a arqueologia preventiva aplicada ao licenciamento ambiental de obras passíveis de causar impactos ao meio ambiente, ou seja, as pesquisas estão focadas em áreas onde serão implantados os empreendimentos, com poucos projetos abordando perspectivas regionais. Logo, a compreensão sobre o passado arqueológico da bacia do rio Itapecuru vem sendo construída pelo viés da arqueologia preventiva, ou seja, por meio de estudos pontuais em áreas específicas onde serão implantados empreendimentos que necessitam de licença ambiental. Neste contexto, podemos citar alguns casos, como o Diagnóstico do Potencial Arqueológico para Instrução do Processo de Tombamento Federal do Forte de Vera Cruz – ou do Calvário – no município de Rosário – MA (Bandeira, 2010a); o Programa Básico Ambiental de Arqueologia Refinaria Premium I – Bacabeira – MA (Bandeira, 2010b; 2011a; 2011b); o Projeto Básico Ambiental de Arqueologia - CTR Rosário (Bandeira, 2012) e o Programa Básico Ambiental de Arqueologia da Faixa de dutos de petróleo e derivados que atenderá à Refinaria Premium I, Bacabeira – MA (Bandeira, 2014). No âmbito acadêmico, poucos pesquisadores se debruçaram para compreender a arqueologia dessa região, sendo importante citar os trabalhos de Olavo Correia Lima sobre as cavidades

com registro rupestre no alto Itapecuru e as pesquisas de Arkley Bandeira nos municípios de Rosário, Bacabeira, São Domingos do Maranhão, Colinas e Mirador (Lima; 1985; Lima; Aroso, 1989; Bandeira, 2013).

**Levantamento dos sítios com registros rupestres no Maranhão:** Excetuando-se alguns relatos dispersos de viajantes, cronistas e religiosos nos períodos colonial e imperial, a maioria das informações relacionadas aos sítios rupestres maranhenses data de meados do século passado em diante. Outro aspecto interessante é que essas indicações foram feitas por entusiastas não vinculados à arqueologia e às principais fontes de informação foram: a revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM) e o Boletim da Comissão Maranhense de Folclore (CMF) (Bandeira, 2003). Conforme publicado por Bandeira (2003; 2017) em outros levantamentos sobre os sítios arqueológicos da bacia do Itapecuru e o Alto Parnaíba, uma das primeiras referências sobre pinturas rupestres no Estado foi publicada na edição de 1956 da revista do IHGM, pelo geógrafo Olímpio Fialho. Em artigo “A Casa de Pedra”, o autor relatou a descoberta, em 1934, do sítio rupestre Casa de Pedra, no povoado de Sabonete, entre as cidades de Colinas e São Domingos do Maranhão.

Segundo Bandeira (2017), o Geógrafo já vinha sustentando a hipótese de uma possível antiguidade dos sinais desconhecidos, filiando-os também ao período pré-histórico de uma América remota e destacava, ainda, o estado de destruição das cavernas devido à depredação humana (Fialho, 1956). Em 1974, baseado nos relatos de Olímpio Fialho, o pesquisador Olavo Correia Lima também identificou outros sítios rupestres na região central do Maranhão, além de ter visitado o sítio Casa de Pedra (Lima, 1985). Além da Casa da Pedra, foram identificadas mais três cavidades, justificando a caracterização por Correia Lima da porção central do Maranhão como *Distrito Espeleológico de São Domingos*, composta pela Caverna Élida, localizada no Centro do Cardosos; Caverna Correia Lima, descoberta no Cocal dos Pioizeiros, no povoado Bacupari e a Caverna Olímpio Fialho, situada na região da Lagoa da Serra, no povoado de Sabonete (Bandeira, 2017). A este respeito. Segundo Bandeira (2017), os sítios arqueológicos estão localizados nas médias encostas e em afloramentos rochosos. Nestes casos, as cavernas de São Domingos do Maranhão destacam-se por conter registros rupestres, principalmente gravuras e pinturas no interior das cavidades. Das quatro cavernas descritas por Correia Lima (1985; 1986), três apresentaram em seu interior pinturas ou gravuras rupestres. A caverna Olímpio Fialho caracteriza-se pela presença de gravuras em formas de riscos, pés-de-galinha; a caverna Élida, oculta na floresta densa, possuía em seu interior cerca de vinte figuras, entre pinturas figurativas (répteis) e geométricas (riscos) pintadas de vermelho e por fim, a caverna Casa de Pedra, que foi descrita com duas pinturas reproduzindo um veado e uma série de círculos concêntricos (Bandeira, 2003). Correia Lima (1986) filiou os registros rupestres de São Domingos do Maranhão aos povos do grupo Jê, precisamente os Timbira, baseado em informações etnográficas e na ausência de artefatos cerâmicos em escavações realizadas no local. Contudo, tais informações precisam ser vistas com cautela, pois não foram feitas datações arqueométricas nos achados, impossibilitando a temporalização dos sítios e a sua correlação com grupos étnicos que viveram na região antes e durante a colonização entre os séculos XVII e XVIII.

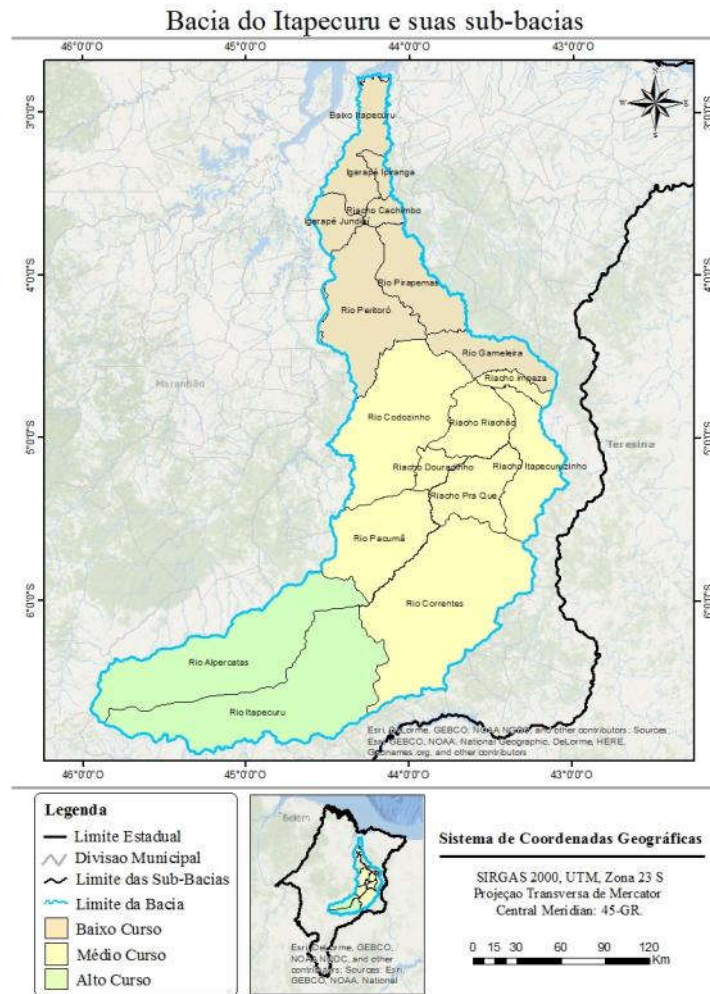


Figura 1 – Bacia do rio Itapecuru com as respectivas sub-bacias.

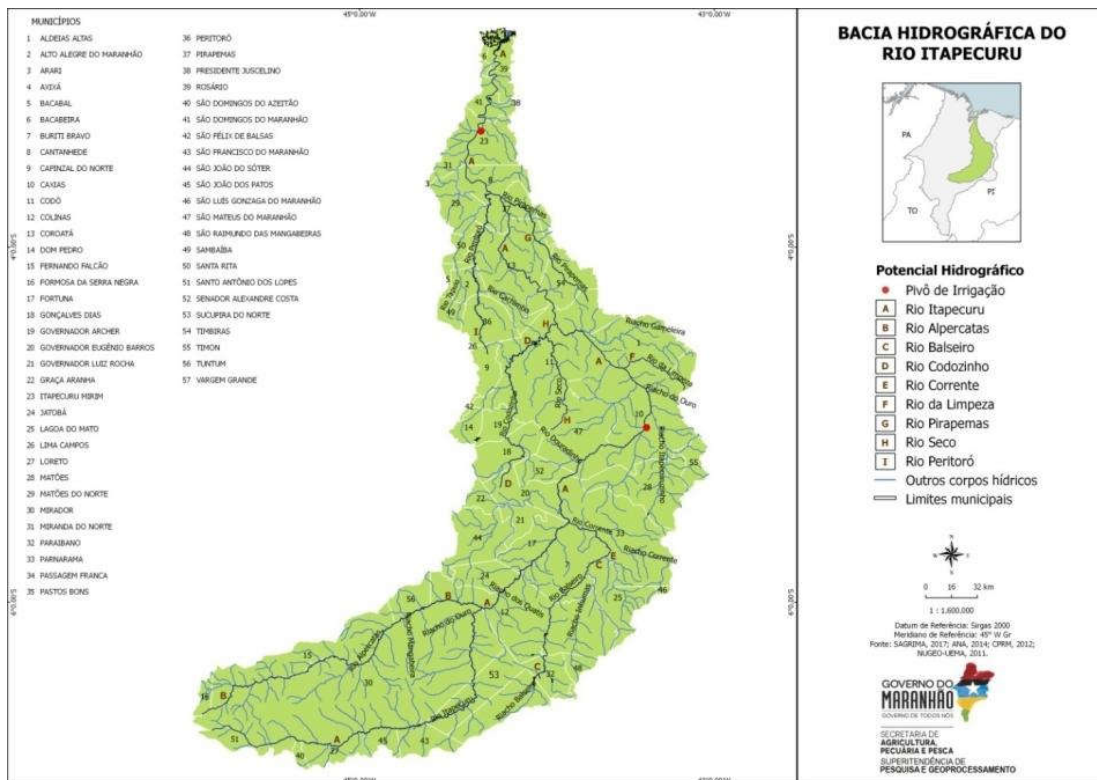


Figura 2 – Distribuição dos municípios na bacia do rio Itapecuru.



Foto: Claudio Sabá, 2013

**Figura 3 – Paredão que forma o sítio Lajeiro do Escrivão, em São João do Sóter**

Foto: Claudio Sabá, 2013.

**Figura 4 - Composições gravadas do sítio Lajeiro do Escrivão, em São João do Sóter**

Foto: Relve Marcos, 2013

**Figura 5. Gravura rupestre na base do paredão do Sítio Pedra de Letras, em Gonçalves Dias**

Foto: Relve Marcos, 2013

**Figura 6. Cúpulas rupestres no Sítio Pedra de Letras, em Gonçalves Dias**

Foto: Arkley Bandeira, 2003.

**Figura 7 - Entrada da Caverna Traqueira, São Domingos do Maranhão**

Foto: Bandeira, 2003.

**Figura 8 - Gravuras ameaçadas de destruição por ação de cupim**

Foto: Bandeira, 2003.

**Figura 9 - Gravuras geométricas encontradas no interior da Traqueira.**

Foto: Arkley Bandeira, 2003.

**Figura 10 - Vista panorâmica da entrada da Caverna Élide – São Domingos do Maranhão**

Na década de 1990, em outra região do Estado foram descobertos novos sítios rupestres em pesquisas realizadas por Leite Filho, conforme citado:

Em 1990, através de contatos mantidos entre a Prefeitura Municipal de Carolina e o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico e Paisagístico do Maranhão, efetuou-se um levantamento preliminar na região do Rio Farinha onde foram localizados os sítios Morro das Figuras, caracterizado pela existência de gravuras com motivos antropomorfos e representações de pegadas e pontilhados e o sítio Morro das Araras, com painéis geométricos, ambos inseridos na região de flora e fauna típicas do cerrado em suportes areníticos (Leite Filho, 1991, p. 8).

Apesar de se encontrarem na região do rio Farinha, que compõe a bacia do rio Tocantins, esses sítios rupestres, sobretudo os de gravuras, apresentam muitas similaridades estilísticas com as composições observadas em Tasso Fragoso e São Domingos (Bandeira, 2003; 2017), sendo que essas regiões apresentam extensas faixas de cerrado ainda preservadas e uma formação geomorfológica bastante similar e favorável à existência de sítios rupestres, devido à presença de cavidades e abrigos nos chapadões e mesas, que caracterizam a geomorfologia do grande corredor que liga os cursos fluviais do Alto Parnaíba, Alto Itapecuru e Médio Tocantins. Em relação aos sítios de gravuras descritos por Leite Filho (1991), na composição dos gravados foram utilizadas as técnicas de pressão e a fricção para elaborar as figuras ou sinais em baixo relevo, com motivos antropomorfos, pegadas humanas e pontilhados gravados na rocha, além de elementos geométricos.

Ainda na bacia do rio Tocantins, Ariana Braga pesquisou vários sítios rupestres na área afetada pela construção da Usina Hidrelétrica de Estreito, nos municípios de Estreito e Carolina - MA, no médio curso do Rio Tocantins (Braga, 2011; 2014). Nesse contexto, a autora realizou ampla pesquisa no Sítio Testa Branca II, com levantamentos dos registros rupestres e escavações, resultando em um mestrado que inovou ao apresentar a primeira escavação de um sítio rupestre no Maranhão e associar as gravuras com os pisos ocupados e a cultura material.

Já no extremo sudeste do Maranhão, Bandeira sistematizou os dados de suas pesquisas no âmbito do APL de Turismo do Sul do Maranhão, onde realizou pesquisas ao longo de 5 anos (2007 – 2011) e descobriu mais de 50 sítios apenas para o município de Tasso Fragoso, situado no alto curso do rio Parnaíba, divisa com o Tocantins, sendo a maioria formada por gravuras rupestres, que atesta a forte presença humana pré-colonial no sul do Maranhão que, somados aos 18 sítios arqueológicos já registrados no IPHAN para a região, colocam Tasso Fragoso como município maranhense detentor do maior número de sítios arqueológico conhecidos no Estado (Bandeira, 2003; 2013; 2017). A este respeito, Bandeira (2003; 2017) indicou que os sítios rupestres estão preferencialmente localizados em altitudes que variam de 285 a 400 m, ocorrendo, principalmente nos vãos e vales dos cursos hídricos de segunda ordem e em muitos casos há invisibilidade entre um abrigo e outro. A partir desses abrigos se tem amplo domínio da paisagem, porém, apenas a escavação no interior deles poderá fornecer mais dados acerca do uso desses espaços. Além disso, o autor destaca uma predileção pela execução de gravuras que estão presentes em quase todos os

sítios. Nesta região, o autor levanta a possibilidade de construir hipóteses para uma correlação entre os sítios rupestres de Tasso Fragoso com as Tradições Itaparica e a Tradição Itacoatiaras e, em termos etnohistóricos com os grupos do tronco linguístico Jê, possibilidade que já vem sendo aventada para outros sítios no Brasil Central (Bandeira, 2017).

**A arqueologia dos registros rupestres da bacia do rio Itapecuru:** O interesse em realizar pesquisas arqueológicas na bacia do rio Itapecuru data de 2003, com um estudo monográfico cujo foco foi identificar e caracterizar os sítios de registros rupestres no município de São Domingos do Maranhão e Colinas, na região central do Estado do Maranhão, em função de vários relatos sobre a existência de cavernas e abrigos com ocorrência de pinturas rupestres, que pelas descrições, possivelmente poderiam ser associadas à Tradição Agreste (Bandeira, 2003; 2017). Após os trabalhos de campo na região foi possível identificar e classificar preliminarmente às figurações, ressaltando que todas as composições eram pintadas em vermelho, com tonalidades diferenciadas resultantes dos diferentes níveis de desgaste e antropização do abrigo. Além disso, foram observadas muitas sobreposições, inclusive com pinturas que apresentaram fortes indicações de terem sido feitas em diferentes momentos gráficos. Dentre os motivos pintados, foram constatados zoomorfos representados por aves e lagartos e a representação de um inseto. Além disso, foram observados antropomorfos e figuras geométricas (traços, linhas e pontos) (Bandeira, 2003; 2017). Além das referências citadas, muitas informações dispersas foram sistematizadas pelo autor para a região, como a existência de sítios rupestres em outras partes da bacia do Itapecuru ou em rios próximos, como em: São João Sóter, onde foi localizado o sítio Lajeado do Escrivão; Gonçalves Dias, onde se localiza o sítio Pedra da Letra; Grajaú, onde existem os sítios Talhado da Pedra Grande, Talhado de São Rafael também denominado Casa de Pedra, Caverna do Barboz, Anfiteatro e Caverna dos Catitús (Braga, 2011, 2014; Bandeira, 2003, 2017; Leite Filho, 1991; Lima et al., 2012). Para área abordada neste artigo, pouquíssimas referências sobre sítios arqueológicos e cavidades foram encontradas, denotando um desconhecimento quase total da bacia do Itapecuru em seu médio e alto curso, corroborando com a ausência de informações oficiais junto ao órgão de preservação do patrimônio arqueológico brasileiro. Não obstante, pesquisas com interface entre a espeleologia e arqueologia estão bem mais estruturadas para o alto curso da bacia do Parnaíba, na altura dos municípios de Tasso Fragoso e Alto Parnaíba, na margem maranhense (Bandeira, 2017; Caino et al., 2014). Especificamente para a bacia do rio Itapecuru, dentre as informações coletadas, destacamos algumas que foram registradas ainda no século passado, principalmente nos boletins das associações científicas, como os institutos históricos e geográficos, além de notícias dispersas que foram publicadas em *blogs* e jornais que informaram sobre a presença de sítios com registros rupestres na região estudada. Uma das referências mais antigas foi publicada pelo geógrafo Olímpio Fialho, em 1956, em um artigo denominado de “A Casa de Pedra”, onde relatou as atividades de engenharia realizadas pelo autor em 1934, na antiga cidade de Picos, atualmente, Colinas. Naquele momento, ele é informado pelos moradores sobre a existência de muitas formações rochosas e cavernas desconhecidas da literatura da época. Em uma dessas cavidades situada no povoado de Sabonete, pertencente atualmente ao município de São Domingos do Maranhão, ele visitou o sítio arqueológico Casa de Pedra, conforme citado a seguir:

Era uma caverna que, lá ainda hoje se deve encontrar como a vi nesse tempo. Chegamos pela frente da grande abertura, em forma de arcada, cuja base mede 14 metros, por sete de altura, a qual dá entrada aso vão maior que, por seu turno se comunica com dois outros vão menores e mais próximos ao tecto (Fialho, 1956, p. 49).

Após descrever, medir e desenhar a face externa da Casa de Pedra, o autor descreveu:

Ao entrar, os sertanejos chamaram-me a atenção para sinais inscritos na parede interna, à esquerda. Esguardando êses sinais, notei que além de sinais desconhecidos havia uns, como letras, legíveis, do alfabeto ocidental, formando até raízes... Fora disso, o que se vê, são sinais inteiramente estranhos e dispersos ao léo, como me parece (Fialho, 1956, p. 50).

Fialho chamou a atenção para a antiguidade daqueles sinais desconhecidos filiando-os a um período pré-histórico remoto e apontou o processo de destruição dessa caverna, comunicando ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão sobre a existência de uma autêntica caverna com estalagmites e estalactites e ainda com inscrições de sinais desconhecidos nas paredes internas; em terras maranhenses (Fialho, 1956). Em 1974, baseado nos relatos pioneiros de Olímpio Fialho, o professor Olavo Correia Lima também realizou pesquisas na região de São Domingos do Maranhão, revisitando o sítio Casa de Pedra e descobrindo outras cavernas no município. A este respeito, comentou que “as cavernas maranhenses são geralmente pequenas e não têm o esplendor espeleotêmico das irmãs sulinas. Contudo, nelas tenho encontrado inscrições rupestres, que para o antropólogo, compensam aquela pobreza” (Lima, 1985, p. 64). Para além da Casa de Pedra foram identificadas mais quatro cavernas, levando Correia Lima a batizar a região de Distrito Espeleológico de São Domingos:

As cavernas de São Domingos ficam nos contrafortes mais setentrionais da Serra das Alpercatas, a qual se bifurca em dois ramos principais: a Serra da Boa Vista mais a Nordeste, e da Inhuma, para noroeste. Seu epicentro fica na localidade de Sabonete, no extremo sul de São Domingos e na vizinhança de Tuntum (Lima, 1955, p. 64).

Correia Lima batizou seus novos achados de Caverna Élide, situada no Centro do Cardosos e Caverna Correia Lima, descoberta no Cocal dos Pioizeiros, ambas localizadas no povoado de Bacupari e, por fim, a Caverna Olímpio Fialho referenciada na região da Lagoa da Serra, no povoado de Sabonete (Lima, 1986). Para além da importância espeleológica, as cavernas de São Domingos do Maranhão destacam-se por apresentar muitas evidências arqueológicas, majoritariamente sítios de registros rupestres, que testemunham a ocupação humana antiquíssima nessa região. Neste sentido, das quatro cavernas descritas por Correia Lima (1986), três apresentaram pinturas ou gravuras rupestres. A caverna Olímpio Fialho caracteriza-se pela presença de gravuras em formas de riscos, pés-de-galinha; a caverna Élide, oculta na floresta densa, possui em seu interior cerca de vinte figuras, entre pinturas figurativas (répteis) e geométricas (riscos) e a caverna Casa de Pedra, descrita com duas pinturas reproduzindo um veado e uma série de círculos concêntricos.

Sobre os executores dos vestígios rupestres, Correia Lima (1985) afirma que aquela região, banhada pelo rio Itapecuru “[...] foi um dos habitats preferidos pelos lácidas maranhenses. São os Crans de Von Martius vistos por ele em passagem por Caxias” (Lima, 1985, p. 69). Spix e Martius (1981, p. 258) referem duas nações indígenas aparentadas, “a dos aponejicrãs e a dos macamecrãs que também são chamados carauus”. Entretanto, apesar do referido professor tentar filiar os registros rupestres de São Domingos do Maranhão aos índios do grupo Jê, mais precisamente os Timbira, baseado apenas em analogias etnográficas e na ausência de artefatos cerâmicos em escavações realizadas por ele no local, acreditamos que os dados coletados não são suficientes para estabelecer uma associação segura entre esses registros rupestres e os povos indígenas citados, pois a inexistência de pesquisas arqueológicas sistemáticas e de datações para os registros rupestres dessa região dificultam a interpretação da evidência rupestre. Não obstante, o Mapa Etnohistórico de Curt Nimuendajú (Nimuendajú, 2002) aponta para a área das nascentes do rio Itapecuru em direção ao médio curso a existência de muitas etnias indígenas, inclusive povos de língua Jê, como os Kreye, Cakamekra; bem como algumas etnias extintas com o avanço do contato com as frentes de colonização litorânea e do gado, como os Barbados, Coroatá, Aranhi, Guanaré, Gamelas, dentre outros. Dentre as poucas referências mais recentes sobre os registros rupestres da bacia do Itapecuru, apontamos um artigo de Leite Filho e Leite (1998, p. 6) onde consta a indicação de alguns sítios rupestres no Estado, conforme citado:

Em outubro de 1998, através de parceria mantida junto a professores e alunos do Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão em Caxias, visitou-se no município de São João Sóter, o sítio Lageado do Escrivão, que estende-se por um abrigo de 30 metros de comprimento por 3 m de altura, com ocorrência de manchas de gravuras com motivos geométricos e antropomorfos. No município de Gonçalves Dias, encontrou-se também o sítio Pedra da Letra, com pinturas e gravuras com motivos geométricos e figuras antropomorfas. Ambos os sítios estão seriamente ameaçados pela ação das águas que gradativamente acentuam o desgaste da matriz rochosa em que os grafismos foram confeccionados, ocasionando a perda de testemunhos importantes contendo informações valiosas sobre o universo do imaginário pré-histórico maranhense. Temos informações da existência de muitos outros sítios rupestres no Estado, especificamente, nos municípios de Imperatriz, Colinas e Mirador.

Neste esforço de síntese, citamos ainda a matéria *Manifestações rupestres em cavernas do Maranhão*, publicada pelo jornalista Paulo Melo Sousa no Jornal Pequeno, em 14 de agosto de 2008. Nela, são relatadas as atividades prospectivas em alguns municípios maranhenses, como São Domingos do Maranhão, Tuntum e Colinas, inclusive com a identificação de sítios arqueológicos ainda desconhecidos na literatura arqueológica. A esse respeito, o jornalista comentou:

Pertencente à propriedade de seu José, a 300 metros da casa da fazenda, encontra-se a Casa dos Cabocos ou Casa dos Índios, abrigo de pedra até então não registrado, com 40 metros de largura, e que apresenta, segundo Deusdedit Filho, um painel bastante complexo, com linhas entrecruzadas, tridígitos, e uma série de pontos, furos na



Foto: Arkley Bandeira, 2003.

**Figura 11. Pinturas rupestres representadas por antropomorfos e zoomorfos na Caverna Élida.**



Foto: Arkley Bandeira, 2003.

**Figura 12 - Zoomorfos variados, com predominância de répteis – Caverna Élida.**



Foto: Arkley Bandeira, 2003.

**Figura 13- Zoomorfos de vários tamanhos observados na Caverna Élida.**



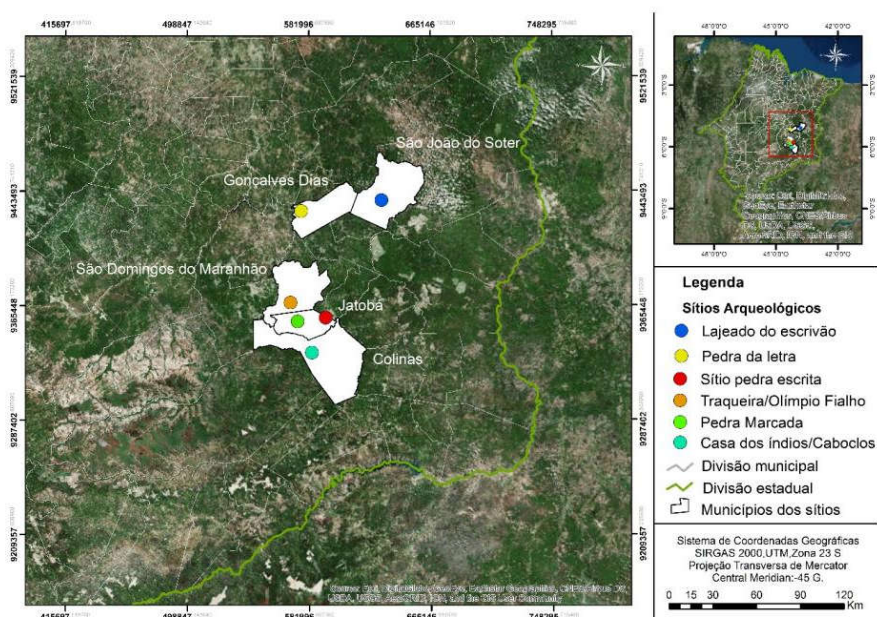
Foto: Arkley Bandeira, 2003.

Figura 14 - Interior da caverna Casa de Pedra – São Domingos do Maranhão.



Foto: Arkley Bandeira, 2003.

Figura 15 - Blocos rolados que se desprenderam do teto da Caverna Casa de Pedra.



Fonte: Elaboração dos autores, 2018.

Figura 16. Mapa com a localização dos sítios rupestres na bacia do Itapecuru



pedra que formam uma sequência geométrica muito interessante. Boa parte da área central do painel desabou, mas ainda existem nas laterais do abrigo dois pequenos nichos com representação desses grupos. Afora os lugares que visitamos nesta viagem, existem diversas outras localidades do Maranhão com manifestações rupestres; nesta região, existe um grande potencial arqueológico, ainda à espera de prospecções na área, revelando a presença de grupos pré-históricos nesses locais (Sousa, 2008, p. 5).

Outra nota coligida na literatura foi publicada no *Blog do Sabá*, pelo jornalista Claudio Sabá, em 26 de maio de 2013, sob o título “Inscrições rupestres próximas a Caxias”. Na matéria é registrada a existência de um sítio arqueológico no município de São João do Sóter, com várias inscrições rupestres. Trata-se do Lajeiro do Escrivão (Figuras 3 e 4), nome dado ao abrigo de pedra que mede 32,5m de comprimento, e atinge até 3 metros de altura, segundo Sabá (2013). Para o jornalista, “o Lajeiro do Escrivão é ainda o único sítio do Maranhão até agora conhecido que apresenta vestígios de pintura nos sulcos das gravuras tornando a importância de sua preservação uma necessidade dos poderes públicos municipal, estadual e federal” (Sabá, 2013, p. 2). Convém também destacar outra matéria jornalística denominada *Um passado a ser desvendado em Gonçalves Dias*, publicada no *blog* Gonçalves Dias sob o domínio Clio, em 15 de janeiro de 2013, de autoria do jornalista Relve Marcos, que indica várias localidades que poderiam ter sido ocupadas por populações indígenas, sobretudo, falantes de línguas do Tronco Macro Jê, como os povoados de Coitezinho, Centro do Zé Antônio, Olho d’Água Seco, Centro do Carolinda, Cruz, Patioba, Centro dos Correias e Reserva. Dentre os principais vestígios arqueológicos já identificados no município, Marcos (2013) cita as inscrições rupestres situadas às margens do rio Codozinho, no povoado Coitezinho, no sítio chamado de “Pedra de Letras” (Figuras 5 e 6).

Apesar dos séculos que se passaram os vestígios da presença humana antes do século XX, chegaram até a contemporaneidade, como as marcações rupestres no paredão de arenito, localizado no povoado Coitezinho, há naquele lugar, vastas marcações em pedra, que foram encontradas pelos “primeiros” moradores locais no decorrer das décadas de 1930 e 1940, este local ficou conhecido como “Pedra de Letras”, tida como encantada pelos moradores locais onde, segundo eles, aquelas chegam até a cantar (Marcos, 2013, p. 3).

Contudo, as pesquisas mais sistemáticas realizadas nessa região ocorreram entre os municípios de São Domingos do Maranhão e Colinas, a partir do trabalho monográfico de Bandeira (2003), que registrou a ocorrência de registros rupestres nas cavernas destes municípios, como os sítios arqueológicos Caverna Traqueira, Caverna Élide e Casa de Pedra. Sobre a Caverna Traqueira, ela se situa no Baixão da Lagoa, no povoado Traqueira, localizada em terras pertencentes ao Senhor Waldemiro Lopes de Oliveira com o acesso pela rodovia que liga São Domingos do Maranhão ao município de Colinas (Figura 7). Trata-se de um abrigo em arenito com três entradas distintas, parcialmente destruídas pelo desmoronamento de alguns blocos do teto. As paredes estão impregnadas pela ação de abelhas e cupins, além da atuação depredatória antrópica, onde foram constatados inúmeros riscos e assinaturas nas paredes, inclusive uma

assinatura datada de 1700. A caverna apresentou dois compartimentos: o primeiro, que foi o único possível de realizar observações pela entrada de luminosidade natural; já no segundo, o acesso foi dificultado pelos enormes blocos que se desprenderam do teto e inviabilizavam o acesso ao seu interior. Com relação aos registros rupestres foram registradas apenas gravuras com motivos geométricos (Figuras 8 e 9), espalhadas em blocos caídos logo na entrada do abrigo e em algumas partes do teto e da parede. Foram registrados cinco conjuntos de gravuras, entre bastonetes, sinais e traços geométricos (Bandeira, 2003). A Caverna Élide situa-se no povoado de Bacupari, pertencente ao município de São Domingos do Maranhão. De lá ainda se percorreu cerca de sete quilômetros até o acesso à caverna Élide, conhecida pelos moradores locais de “Casa escrita”. Da entrada avista-se uma imensa cavidade com muitas pinturas rupestres em seu interior (Figura 10).

No interior da caverna calcária existem muitas pinturas rupestres nas paredes do fundo e no teto mais baixo. Notamos que o estado de conservação da própria estrutura do abrigo estava em melhores condições do que a Caverna Traqueira, porém, já existem muitas pinturas em péssimo estado de conservação. Com relação aos registros rupestres, observou-se uma sequência de pinturas com vários tons de vermelho constituindo um grande painel (Figura 11). As tonalidades de vermelho foram alcançadas, provavelmente, pela utilização de pigmentos minerais como o óxido de ferro associado a outros elementos minerais ou naturais, o que levou, inclusive, alguns moradores da região a pensar que tais pinturas teriam sido feitas com sangue de animais. Dentre os motivos pictóricos, destacam-se três tipos de representações rupestres: as pinturas antropomorfas, zoomorfas e geométricas, não sendo observados registros gravados (Bandeira, 2003). Com relação ao motivo antropomorfo encontrado na Caverna Élide (Figura 12), foi identificada uma única figura humana em um conjunto numérico bastante superior de zoomorfos e geométricos. O professor Correia Lima, após inúmeras incursões a esta caverna, não descreveu em suas publicações a ocorrência de antropomorfos, conforme citação do pesquisador: “na subcaverna encontra-se as melhores inscrições rupestres do Distrito. São em número de 20 desenhos que podem ser classificados em dois tipos: petropinturas (répteis), petrogrifos (riscos)” (Lima, 1985, p. 67). Os zoomorfos (Figura 12) representam quase a totalidade dos registros encontrados, sendo notável a presença de répteis como lagartos, teiús e camaleões; além destes elementos, identificamos, provavelmente, a representação de uma ave, que poderia ser um papagaio ou arara. Observou-se também uma representação semelhante a uma libélula, além de composições incompletas ou sobrepostas de répteis. Destaca-se, por fim, a composição de uma pintura rupestre semelhante a um primata (Bandeira, 2003). O tamanho dessas pinturas varia entre 5 a 30 centímetros de comprimento. Entretanto, a descamação natural e a salinização do suporte rochoso não permitiram a visualização das pinturas em sua totalidade (Figura 13). Entre os motivos geométricos, destacamos a representação de retas, pontilhados e riscos dispersos no imenso painel, aparecendo por vezes isolados ou sobrepostos às pinturas. As formas complexas desses registros não permitiram uma descrição mais pormenorizada de sua composição, o que não implica que tais representações não tenham significado na totalidade ou nas partes que compõem o painel da caverna Élide (Bandeira, 2003). Sobre a filiação dos registros da caverna Élide, não se tem dados etnohistóricos e arqueológicos suficientes para

conjeturar-se sobre as populações que executaram tais pinturas, pois apesar de Correia Lima (1985) ter efetuado uma série de observações a respeito das populações indígenas que habitaram aquela região e sua suposta correlação com tais registros, o resultado de suas reflexões, por demais descritivos, não permite concluir com segurança sobre a etnicidade de seus executores (Bandeira, 2003). Dentre os sítios visitados, a Caverna Élide é a que oferece maior potencial para realização de pesquisas arqueológicas, o grande terreno plano do seu entorno possui sedimentação que possivelmente preservou estoques da cultura material dos grupos humanos que habitaram o sítio. Para tanto, o sítio necessita ser preservado, visto que se observa o estado de degradação acelerada, sobretudo, pelo uso indevido como local de lazer e de abrigo em caçadas, sendo que a parte externa do grande paredão encontra-se totalmente tomada por rabiscos, nomes e pichações observando-se datas antigas, como uma de 1937. Por fim, visitou-se a Caverna Casa de Pedra (Figura 14), a mais conhecida e a primeira referenciada na literatura sobre a região. Trata-se de um grande abrigo em rocha arenítica localizada no povoado de Sabonete, pertencente ao município de São Domingo do Maranhão, distante seis quilômetros de Bacupari, em terras de propriedade do Sr. Francisco Pereira dos Santos.

A caverna se divide em dois compartimentos internos e situa-se em uma porção bem mais elevada do terreno. No seu entorno notamos grande quantidade de pedras roladas de seu interior, tanto que logo na entrada grandes blocos soltos do teto dificultam a observação dos registros rupestres daquele sítio. Desde 1985, Correia Lima já alertava para a destruição daquele abrigo, pois na primeira vez que visitou a Casa de Pedra, ela “[...] estava entulhada quase totalmente por desabamentos interiores, que segundo nosso guia, Sr. Joaquim Lopes, eram recentes” (Lima, 1985, p. 68). Atualmente, a degradação natural deste sítio está bem maior em relação às descrições feitas por Correia Lima (Figura 15). Tanto que não se observam, nem nos blocos desprendidos do teto e nem nas paredes, os registros rupestres apontados pelo professor, a saber, duas gravuras, uma com motivo geométrico, representando círculos concêntricos e a outra com motivo zoomorfo, representando um veado (Lima, 1985). Acredita-se que atualmente tais registros encontram-se nos blocos rolados pelo chão, sendo que o suporte em que a gravura se fixava provavelmente deve estar voltado para o solo. Para o segundo salão a passagem estava tomada por blocos de rocha, não permitindo a nossa entrada, além disso, a escuridão dificultava a observação das partes mais interiores do abrigo (Bandeira, 2003). Após o levantamento de campo, consubstanciado com a sistematização das referências de sítios com registros rupestres na bacia do rio Itapecuru, ressaltamos a validade das afirmações do professor Correia Lima (1986), quando descreveu:

A Cultura Rupestre Maranhense acompanha exclusivamente os incidentes espeleológicos, talvez à míngua de rochas magmáticas superficiais. O Maranhão é constituído fundamental e superficialmente por terreno sedimentar, plano, pobre de formações rochosas, coisa que somente acontece para o sul onde, mesmo assim, revelam-se mais ferruginosas ou calcárias (Lima, 1986, p. 9).

Diante do exposto na síntese de conhecimento apresentada neste artigo foi possível construir um mapa preliminar com a identificação dos sítios com registros rupestres no alto e médio curso do rio Itapecuru (Figura 16).

## Considerações Finais

Conforme relatado ao longo do texto, o conhecimento arqueológico sobre os sítios com registros rupestres ao longo da bacia do rio Itapecuru ainda é muito incipiente e permanece fragmentado e dependente de uma melhor caracterização arqueológica da região. Diferentemente da área arqueológica de Tasso Fragoso, na bacia do rio Parnaíba, a onde pesquisas consolidadas vêm descobrindo uma região com um rico patrimônio formado, em sua maioria, por gravuras, ou a região da bacia do Tocantins, que também apresenta um altíssimo potencial para a arqueologia, o rio Itapecuru permanece sendo um hiato para arqueologia do cerrado da porção centro-sul do Maranhão. O vazio referido reflete a ausência de pesquisas, visto que a potencialidade dos sítios já conhecidos demonstra que as porções do alto e do médio Itapecuru têm grande potencial para estudos, carecendo de um amplo programa de prospecções ao longo da calha deste rio. Não obstante, apesar do conhecimento ainda fragmentado, algumas considerações já podem ser realizadas, como a indicação da porção do alto e médio curso do rio Itapecuru se tornar potencial para a ocorrência de sítios com registros rupestres, a partir da região centro-sul do Estado, onde o relevo tem características de planalto, com variações bem mais altas em relação ao nível do mar, apresentando condições fisiográficas chegando até 600 m de altitude, favoráveis a este tipo de evidência do passado. Dois tipos de registros rupestres estão sendo evidenciados nessa região, podendo delimitar duas áreas de fronteiras culturais ou de contato interétnico: as pinturas rupestres, sendo executadas em suportes rochosos calcários, mais abrigados e as gravuras rupestres em paredões e abrigos abertos, em suporte arenítico e mais próximo de cursos d'água. Diante do exposto, é de suma importância a interface entre a arqueologia e as áreas geoambientais para identificação e caracterização de sítios abrigados. Neste contexto, o Maranhão desponta como uma área ecologicamente estratégica para se compreender os modos de vida no passado, sobretudo, nos limites entre o Cerrado e a Floresta Amazônica, entre as bacias do Itapecuru, Mearim, Parnaíba e Tocantins. Tais pesquisas não podem tardar, pois muitos testemunhos sobre a ocupação humana em um período bastante anterior à chegada dos colonizadores europeus no Maranhão estão desaparecendo em ritmo bastante acelerado devido a fatores naturais e antrópicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alcantara, E. H. 2004. Caracterização da Bacia Hidrográfica do Rio Itapecuru, Maranhão – Brasil. *Caminhos da Geografia*, 7(11): 97-113.
- Bandeira, A. M. 2003. *Um panorama sobre os registros rupestres no Estado do Maranhão*. Monografia de Licenciatura plena em História, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís.
- Bandeira, A. M. 2010a. *Diagnóstico do potencial arqueológico para instrução do processo de tombamento federal Forte de Vera Cruz – ou do Calvário – no município de Rosário -MA*. Brasília: TERRAGRAPH. São Luís: IPHAN – MA.
- Bandeira, A. M. 2010b. *1º Relatório de prospecção arqueológica – 1ª etapa – poligonal da Refinaria Premium I. Setores Área 6, Área do Canteiro Avançado da Petrobrás, Área 13- Empréstimo, Área de Bota Fora e Área do Canteiro do Consórcio para Terraplanagem. PBA de Arqueologia da Refinaria Premium I. Bacabeira – MA.*

- Bandeira, A. M. 2011a. *Refinaria Premium I: descobrindo a história do Maranhão*. Cartilha de Educação Patrimonial. PBA de Arqueologia Refinaria Premium I. Bacabeira – MA.
- Bandeira, A. M. 2011b. *1º Relatório final de resgate arqueológico dos Sítios Rabo de Porco I e Mangueiras*. PBA de Arqueologia Refinaria Premium I. Bacabeira – MA.
- Bandeira, A. M. 2012. *Relatório final de resgate arqueológico dos Sítios Mãe Benta 1, Mãe Benta 2 e Mãe Benta 3*. Projeto CTR – Rosário – MA. Rosário.
- Bandeira, A. M. 2013. *Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica*. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bandeira, A. M. (2014). *Relatório de prospecção arqueológica da faixa de dutos de petróleo e derivados que atenderão à Refinaria Premium I*, município de Bacabeira – MA e Terminal Aquaviário do Itaqui, a ser implantado no Distrito Industrial de São Luís, Maranhão. Refinaria Premium I. Bacabeira – MA.
- Bandeira, A. M. 2017. Tasso Fragoso: uma nova fronteira para a pesquisa arqueológica no Maranhão. *Cadernos do LEPAARQ*, XIV(28): 59-90.
- Braga, A. 2011. *Sítio Arqueológico Testa Branca II, contributo a arqueologia rupestre no Brasil. Estreito, Maranhão – Brasil*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Pré-Histórica e Arte Rupestre, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douros, Vila Real.
- Braga, A. 2014. Arte Rupestre no Maranhão, o caso Testa Branca II. In: BANDEIRA, A. M., BRANDI, R. A (Org.). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Cultural Ltda, pp. 239-267.
- Caino, J. S. et al. 2014. Perspectivas da arqueologia sul maranhense. In: BANDEIRA, A. M., BRANDI, R. A (Org.). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Cultural Ltda, pp. 215-238.
- Fialho, O. 1956. Casa de Pedra. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*. São Luís, VII(6): 47-51.
- Ibge. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1998. *Subsídios ao zoneamento ecológico-econômico da bacia do Rio Itapecuru – MA: diretrizes gerais para ordenação territorial*. Primeira Divisão de Geociência do Nordeste. Rio de Janeiro: IBGE.
- Ibge. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). *IBGE Cidades*. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>.
- Leite Filho, D. C. 1991. Gravuras Rupestres no município de Carolina - MA. *CANTARIA - Boletim Informativo do Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão*. São Luís, IV(11): 2.
- Leite Filho, D. C., Leite, E. G. (1998). Grafismos Rupestres. *Boletim [da] Comissão Maranhense de Folclore*. São Luís, 12: 8.
- Lima, L. N.; Arruda, R. S. O. N.; Reis, A. J. C. 2012. *Um estudo sobre o Sítio Arqueológico do município de Grajaú - MA*. Anais da 64ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Resumo. São Luís: UFMA. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/64ra/resumos/resumos/5358.htm>.
- Lima, O. C., Aroso, O. C. L. 1989. *Pré-História Maranhense*. São Luís: Editora da Gráfica Escolar.
- Lima, O. C. 1985. Província Espeleológica do Maranhão. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*. São Luís, LXI(10).
- Lima, O. C. (1986). Cultura rupestre maranhense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*. São Luís: SIOGE, 11: 7-12.
- Marcos, R. 2013. *Um passado a ser desvendado em Gonçalves Dias*. Blog Gonçalves Dias sob o domínio Clio. Caxias, 15 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://gdclio.wordpress.com/2013/01/15/um-passado-a-ser-desvendado-em-goncalves-dias/>.
- Medeiros, R. 2001. *Itapecuru: Águas que correm entre pedras*. São Luís: ABES.
- Nimuendaju, C. 2002. *Mapa etno-histórico de Curt Nimeundaju*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Nugeo. 2011. Núcleo Geoambiental da Universidade Estadual do Maranhão. *Bacias Hidrográficas: subsídios para o planejamento e a gestão territorial*. Relatório Técnico.
- Sabá, C. 2013. *Inscrições rupestres próximas a Caxias*. Blog do Sabá. Caxias, 26 de maio de 2013. Disponível em: <http://www.blogdosaba.com.br/2013/05/exclusivo-inscricoes-rupestres-proximas.html>.
- Sousa, P. M. 2008. Manifestações rupestres em cavernas do Maranhão. *Jornal Pequeno*. São Luís, 14 de agosto de 2008. Disponível em: <https://edicao.jornalpequeno.com.br/impresso/2008/11/14/manifetacoes-rupestres-em-cavernas-do-maranhao>.
- Spix, J. B., Martius, C. F. P. 1981. *Viagem pelo Brasil: 1817 – 1820*(Vol. 2). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP.

\*\*\*\*\*